



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI – UFCA
INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES – IFE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**INCLUSÃO E CIBERATIVISMO: POTENCIALIDADES DA (IN)FORMAÇÃO
DOCENTE MEDIADA POR PERFIS DE REDES SOCIAIS DE PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA**

NAYARA JOICE ALVES DINO

BREJO SANTO – CE
2025

NAYARA JOICE ALVES DINO

INCLUSÃO E CIBERATIVISMO: POTENCIALIDADES DA (IN)FORMAÇÃO
DOCENTE MEDIADA POR PERFIS DE REDES SOCIAIS DE PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal do Cariri (UFCA), como
requisito parcial à obtenção do título de
Graduada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Raule de Sousa

BREJO SANTO – CE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

D548i Dino, Nayara Joice Alves.

Inclusão e ciberativismo: potencialidades da (in)formação docente mediada por perfis de redes sociais de pessoas com deficiência / Nayara Joice Alves Dino. – 2025. 47 f. : il. color.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Instituto de Formação de Educadores, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Cariri, Brejo Santo, CE, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Raule de Sousa.

1. Pedagogia - Formação docente. 2. Educação inclusiva - Prática pedagógica.
3. Ciberativismo - Pessoas com deficiência (PcD) - Redes sociais. 4. Análise Textual Discursiva (ATD) - Formação e autoformação. I. Sousa, Francisco Raule de (Orient.). II. Universidade Federal do Cariri. III. Título.

CDD 371.9046

Bibliotecário: João Bosco Dumont do Nascimento – CRB 3/1355

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação Especial: Educação Inclusiva: Formação de Professores 371.9046
2. Tecnologia na Educação: Mídias Sociais e Ciberativismo Pedagógico 371.33

NAYARA JOICE ALVES DINO

**INCLUSÃO E CIBERATIVISMO: POTENCIALIDADES DA (IN)FORMAÇÃO
DOCENTE MEDIADA POR PERFIS DE REDES SOCIAIS DE PESSOAS COM
DEFICIÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Instituto de Formação de Educadores, da
Universidade Federal do Cariri, como requisito
parcial para obtenção do título de Graduada
em Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Raule de Sousa

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 FRANCISCO RAULE DE SOUSA
Data: 19/05/2026 22:03:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Raule de Sousa (Orientador)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Documento assinado digitalmente
 FRANCIONE CHARAPA ALVES
Data: 18/05/2026 20:48:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Francione Charapa Alves (Membro 1)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Documento assinado digitalmente
 SARA CRISTINA DOS SANTOS FREIRES
Data: 19/05/2026 21:59:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Ma. Sara Cristina dos Santos Freires (Membro 2)
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

BREJO SANTO-CE, 14 DE OUTUBRO DE 2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que me sustentou até aqui e não me deixou desistir, consegui forças onde eu nem imaginava que poderia ter. Agradeço, em específico, meu orientador Prof. Dr. Francisco Raule de Sousa, pois foi um total apoio durante toda a minha pesquisa, me incentivou durante toda essa trajetória, trazendo mais avanço e conhecimentos.

A minha mãe Cícera, que durante a minha trajetória acadêmica foi minha base, hoje se estou aqui, aonde cheguei não foi apenas esforço meu, mas sim, total apoio dela. Gratidão imensa a minha querida vó Luzia, na qual estive presente do início ao fim, ajudando como sempre foi possível, ainda que, às vezes, não fosse possível.

Em especial, ao meu namorado Jefferson que estive do meu lado, juntamente com minha mãe e avó, ajudando, aconselhando e apoiando.

Aos meus familiares que estiveram presentes nessa longa caminhada, com conselhos, apoios e principalmente orações.

A todos aqueles amigos que ajudaram diretamente ou indiretamente, como conseguiram, sejam elas em conselhos ou conversas de apoio.

Finalmente a todos aqueles, seja família ou amigos que de uma forma ou outra fizeram parte e sonharam junto comigo durante essa trajetória.

RESUMO

O contexto das mídias, além de entretenimento, pode oportunizar o acesso a informações importantes sobre diferentes assuntos de interesses que poderão se voltar à busca de aquisição de conhecimentos, dentre eles sobre as pessoas com deficiência (PcD). A presente pesquisa tem como objetivo identificar as potencialidades presentes nas redes sociais durante seminários temáticos realizados na disciplina de Introdução à Educação Inclusiva, no curso de Pedagogia. Nesse sentido, visa estimular a formação, atualização e aquisição de novos conhecimentos sobre a temática da inclusão para a educação e a formação docente, tendo em vista que essa pesquisa é realizada de modo autorreflexivo à formação e autoformação em Pedagogia. De base qualitativa, encontra-se dividida em duas etapas: 1) levantamento bibliográfico sobre ciberativismo de pessoas com deficiência, 2) Análise discursiva de entrevista semiestruturada com estudantes de pedagogia que cursaram a disciplina de Introdução à Educação Especial Inclusiva. O diálogo entre o levantamento teórico bibliográfico da literatura especializada sobre ciberativismo e as pesquisas realizadas por estudantes que cursaram a disciplina buscaram averiguar como esse movimento de busca por informação durante a formação indicam potencialidade de estratégia pedagógica na oferta de: informações, dicas, orientações e modos de lidar com pessoas com deficiência no espaço de formação e caminhos à atuação e adaptação curricular. Nesse sentido, mediante categorização embasada na ATD (Análise Textual discursiva) os resultados apontarem para: redução de informações baseadas em estereótipos sobre as necessidades específicas de estudantes com perfis comuns aos explorados na página virtual e valorização do discurso dessas pessoas ao apresentarem em redes sociais suas necessidades, demandas e reivindicações, conhecimento que poderá ser ampliado na apropriação de novos aprendizados ao longo da formação docente.

Palavras-chave: Pedagogia; Inclusão; Formação; Ciberativismo.

BSTRACT

The media context, beyond entertainment, can provide access to important information on various topics of interest that may lead to the acquisition of knowledge, including about people with disabilities (PwD). This research aims to identify the potential of social networks during thematic seminars held in the Introduction to Inclusive Education course in the Pedagogy program. In this sense, it aims to stimulate the formation, updating, and acquisition of new knowledge on the theme of inclusion for education and teacher formation, considering that this research is carried out in a self-reflective manner in relation to formation and self-formation in Pedagogy. Based on qualitative principles, this study is divided into two stages: 1) a literature review on cyberactivism by people with disabilities, and 2) a discursive analysis of semi-structured interviews with pedagogy students who took the Introduction to Inclusive Special Education course. The dialogue between the theoretical bibliographic survey of specialized literature on cyberactivism and the research carried out by students who took the course sought to ascertain how this movement of seeking information during formation indicates the potential of a pedagogical strategy in offering: information, tips, guidance and ways of dealing with people with disabilities in the formation space and paths to performance and curricular adaptation. In this sense, through categorization based on ATD (Discursive Textual Analysis), the results point to: a reduction in information based on stereotypes about the specific needs of students with profiles common to those explored on the virtual page, and an appreciation of the discourse of these people when presenting their needs, demands, and claims on social networks, knowledge that can be expanded in the appropriation of new learning throughout teacher for.

Keywords: Pedagogy, Inclusion, Formation, Cyberactivism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 Ciberativismo	17
2.2 Inclusão e pessoas com deficiência no ciberespaço	19
2.3 Formação e autoformação docente	20
3. METODOLOGIA	23
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	26
4.1 Acesso e frequência de acesso	26
4.2 Conteúdos relacionados à formação e redes sociais de PcD como ferramenta de inclusão educacional	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
ANEXOS 1	43
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	43
APÊNDICE	45
FORMULÁRIO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	45

1. INTRODUÇÃO

A circulação de informações sobre a Inclusão de Pessoas com Deficiências (PcD) bem como o engajamento desses agentes de direitos na busca pelo exercício da cidadania tem ganhado força nas proporções semelhantes ao crescimento da participação atuante no âmbito das redes virtuais interativas, esse movimento resultou no que se convencionou denominar como Ciberativismo (Vegh e Ayers, 2003; Milhomens, 2009).

A inclusão é um assunto bastante discutido na atualidade e ganha lugar de interações também nas redes sociais. O espaço escolar, de formação docente e de aprendizagem encontra-se também dentro dessa dinâmica. Porém, ainda é um tema pouco debatido no que refere a necessidade de um número significativo de docentes que participem de processos sistemáticos de formação continuada sobre a educação inclusiva e, por vezes, são formações e atuações que não aprofundam em especialização para aprimorar conhecimento na área.

Essa carência dificulta a implementação de práticas pedagógicas adequadas para necessidades de alunos com deficiência. No âmbito escolar, existem diversos vínculos com a diversidade, a escola é uma instituição com a tarefa da transmissão e a vinculação de saberes e práticas na qualidade social para todos, nas quais se incluem diversos estudantes com necessidades especiais nas mais diversas modalidades.

Sendo assim, entender sobre inclusão é um passo para uma educação que oportunize resultados positivos para o aprendizado. Então, nos cabe refletir sobre a formação e as informações interessantes para que docentes em formação se empenhem na busca por desenvolverem conhecimentos sobre inclusão e, de forma autônoma e engajada, possam construir percursos de consultas e pesquisas pessoais para efeito de formação e apresentação de atividades do tipo seminário acadêmico sobre a referida temática.

Somado a isso, notar a presença de PcD nas redes sociais criando conteúdos, compartilhando experiências cotidianas, conceitos e atualizações sobre suas demandas de acessibilidade na sociedade nos desperta também para olharmos como o ciberativismo desse coletivo pode contribuir com a experiência de construção do conhecimento formativo, ainda que de forma incidental. Ou seja, a disponibilidade de conteúdos organizados por essas pessoas, circulantes nas redes sociais são registros de experiências que podem ser acessadas por educadores e educadoras em formação quando de suas buscas por construírem conhecimentos sobre esse tema.

A presente pesquisa tem como objetivo identificar as potencialidades presentes nas redes sociais durante seminários temáticos realizados na disciplina de Introdução à Educação Inclusiva, no curso de Pedagogia. Considerando que o professor faz uso de estratégias de

pesquisa em redes sociais para a construção de conhecimento no âmbito da inclusão, ampliamos a discussão de como a formação destes pode se beneficiar da interação com os perfis de redes sociais de pessoas com deficiência e como essas interações podem contribuir para o desenvolvimento de suas competências pedagógicas e para a formação docente no contexto da disciplina de Introdução à Educação Inclusiva, partindo da percepção da importância do ciberativismo desses sujeitos.

A pesquisa buscou discutir, em diálogo com os referenciais bibliográficos especializados, de que maneira as experiências e relatos compartilhados por pessoas com deficiência nas redes sociais podem auxiliar na sensibilização, capacitação e atualização profissional dos professores em formação, a partir de entrevistas com licenciandos em Pedagogia. Fundamentamo-nos na seguinte problemática de pesquisa: como os docentes que estão em formação no curso de pedagogia compreendem sobre o que é ciberativismo, inclusão e a potencialidade que as redes sociais de pessoas com deficiência têm para contribuir com a construção desse conhecimento ao longo do desenvolvimento da disciplina temática sobre Educação Especial Inclusiva?

A justificativa para que o tema seja abordado na formação docente se dá na percepção de que para lidar com diversas situações em sala de aula, é essencial que o docente possua conhecimentos adequados. Isso inclui, por exemplo, compreender o modo como as informações que estudantes encontram na internet trazem para o ambiente de aprendizagem. Observa-se que, atualmente, muitos professores ainda não têm um conhecimento aprofundado sobre ciberativismo e suas implicações no contexto educacional.

Somado a isso, a inclusão no ambiente escolar ainda constitui assunto complexo e por mais que esteja no *ranking* dos assuntos mais debatidos na atualidade, não é dos mais abordados em sala de aula pelos professores. Ao nos referimos à inclusão no âmbito da formação em educação e na prática pedagógica, é importante que esse processo formativo tenha docentes bem preparados e um dos caminhos para essa preparação para o exercício da profissão é pôr em diálogo as vivências dos estudantes na busca por informações que construam seus próprios caminhos de aprendizagem sob a mediação docente e direcionada por suas práticas de navegação no ciberespaço, conhecendo vivências e experiências das próprias pessoas com deficiência.

Na expectativa de formações continuadas, educadores e educadoras também podem aprimorar seus conhecimentos sob mediação de diálogos e vivências de PcD na busca por informações que construam seus próprios caminhos de aprendizagem. No entanto, não se deve prender-se a essas questões como senso comum, mas buscarem, ao longo da construção de saberes, movimentarem saberes circulantes advindos dessas próprias pessoas, práticas

pedagógicas e literatura especializada sobre Educação Especial em perspectiva Inclusiva (Brasil, 2008).

A percepção de que a presente pesquisa abriria possibilidade de investigação se iniciou desde a realização da disciplina de Introdução à Educação Inclusiva do curso de pedagogia, no segundo semestre. No período, uma das atividades direcionadas incentivava a visita de páginas em redes sociais de pessoas com deficiência com a finalidade de observar as interações realizadas e o que poderia ser identificado como meios de aprendizagem e construção do conhecimento a partir das informações fornecidas nas páginas geridas por essas pessoas. Embora essa atividade não tenha sido a explorada para efeito de análise do presente trabalho, foi ela que oportunizou o contato com o tema e com a potencialidade dos perfis em prol da aprendizagem.

Ao dar prosseguimento à formação como pedagoga, nos semestres seguintes, vivenciei¹ experiências práticas em sala de aula tanto como bolsista de alguns projetos quanto realizando trabalhos temporários como professora substituta em algumas salas do Ensino Fundamental. Nestes momentos, o contato com estudantes público da educação inclusiva se intensificou e foi quando a temática veio à tona de modo associado à minha formação e atuação em sala de aula.

Observando o cenário, a partir de experiências do programa institucional de bolsas de iniciação à docência PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), no qual bolsistas têm contato diretamente com professores em sala de aula. Nessa experiência, é possível observar que questões sobre ciberativismo e inclusão não são um assunto de conhecimento entre a maioria dos professores. Além do PIBID, ao longo da trajetória de formação e de desenvolvimento da pesquisa a vivência nos estágios também somaram ao processo de percepção do modo como a inclusão necessita de estratégias de ampliação do conhecimento.

Outra experiência mais aprofundada que contribuiu para a seleção desse tema de pesquisa foi lecionar em uma escola como professora regente. Na ocasião, precisei lidar com a inclusão de forma mais direta e constatá-la como uma experiência desafiadora. Evidenciou-se, neste contexto, que a inclusão vai muito além de simplesmente ter alunos com necessidades educacionais especiais. Envolve criar um ambiente em que todos e todas as estudantes se sintam acolhidas, respeitados e com igualdade com oportunidade de aprender. Assim, diversas vezes, enquanto docente, precisei recorrer a recursos de pesquisas em páginas de redes sociais de PcD para buscar aprendizagem de modo autônomo, além de ampliar essa pesquisa para outros saberes

¹ Para efeito de aproximação como pesquisadora, usarei em alguns momentos a primeira pessoal do plural. Esse movimento revela-me como pesquisadora acadêmica iniciante e em formação que compreende a necessidade das formalizações da academia, mas que também se posiciona e se engaja como sujeito em transformação e ação social de minha própria experiência formativa.

acadêmicos, os quais têm fundamentado minha formação, inclusive para a construção da presente pesquisa.

Realizadas essas considerações, seguiremos com a apresentação do referencial teórico que fundamentou essa pesquisa. Posteriormente, serão apresentadas a metodologia e a análise realizada seguida das considerações finais que encerram esse momento da pesquisa da graduação, mas que abre possibilidades de outras investigações educacionais no fortalecimento da Inclusão.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente referencial teórico tem como objetivo explorar alguns dos principais conceitos relacionados à inclusão e ciberativismo em redes sociais de pessoas com deficiência, explorando perfis. O referencial se baseia em estudos com autores como Aline Alvernaz; Edméa Santos, Sofia Freire, Piccolo, Rosimar Poker, Fernanda Valentim e Isadora Garla².

2.1 Ciberativismo

Antes de adentrarmos para uma conceituação do ciberativismo, é importante que possamos entender como as pesquisas voltadas ao campo que carrega esse prefixo “ciber” em suas denominações têm se consolidado no campo educacional, sobretudo quando notamos a presença constante dos espaços midiáticos sendo ocupado por pessoas que pautam lutas e militância por inclusão e diversidade buscando melhores condições de convívio social.

Como espaço plural e movediço (Ferrari, 2024) o ciberespaço também encontra-se atravessado por relações de poder e, somado a isso, encontram-se marcados pela linguagem, códigos, sentidos, e pelas diversas representações de sujeitos no que se refere aos marcadores sociais de raça, classe, gênero, idade e condições físicas, sensoriais e cognitivas, essas últimas podendo ser discutidas a partir de uma matriz capacitista que, para Piccolo (2024), apresenta-se como atitude que atribui as razões do desajuste das pessoas com eficiência, exclusivamente à existência de comprometimentos individuais, fazendo deste uma espécie de fato total, isto é, sem considerar suas potencialidades, mas visto apenas pelo prisma da falta. Compreendido como uma lógica social que desqualifica e exclui pessoas com deficiência distantes de um patamar de inferioridade, no campo da educação por exemplo, o capacitismo não se manifesta apenas na ausência de acessibilidade, mas também em práticas pedagógicas.

² Para efeito de considerarmos a visibilidade do nome de mulheres pesquisadoras, nesse primeiro momento destacamos nomes e sobrenomes.

O ciberativismo, ou dominado ativismo digital, se refere à utilização de plataforma digital, capacitado em conectar indivíduos de diferentes partes do mundo, por meio de *hashtags*, campanhas online, grupos em redes sociais, compartilhando informações, esta interação aumenta a visibilidade, desempenha um papel na educação e estão interligados de maneira significativa, através da plataforma digital, os educadores e alunos têm a oportunidade de acessar informações e recursos sobre temas relevantes.

Assim, trata-se, portanto, de ativismo *online* ou digital onde está presente em plataformas digitais para envolver em atos de ofensas em mídias sociais, esses atos acontecem com frequência em perfis de redes sociais pois existem comentários ofensivos e capacitistas. Para ser mais específico de acordo com as autoras Aline Alvernaz Edméa Santos (2022):

O Ciberativismo é um movimento que utiliza o digital em rede para manifestar e movimentar práticas efetivas de mudanças de realidade e o ciberativista busca as redes para a organização e divulgação deste movimento, propostas, discussões e tudo aquilo que é possível para fazer ressonâncias de seus ideais. (Alvernaz, Aline; Santos, Edméa. pág 172)

No espaço de formação docente, as atividades de construção de conhecimento podem levar os estudantes a buscarem informações nas redes e se depararem com perfis de pessoas que exercem esse ciberativismo. Por ser ele um movimento que investe esforços na mudança de realidade, se faz necessário que, ao apresentar discussões e construções de materiais no âmbito de disciplinas que tratam sobre inclusão, estejam presentes discursos das próprias pessoas com deficiência proporcionando essa ressonância de ideais que as autoras se referem.

Desta forma, além de possibilitar a consulta de informações sobre inclusão em conteúdos criados pelas próprias pessoas com deficiência, o contato com esses perfis poderá contribuir com a desconstrução de discursos capacitistas no âmbito educacional, desde que seja oportunizada às PcD a inclusão plena nos espaços digitais, assunto que abordaremos no tópico a seguir.

2.2 Inclusão e pessoas com deficiência no ciberespaço

A inclusão é um princípio fundamental, pois visa garantir participação de todos os indivíduos, independente das suas características pessoais, culturais etc. A inclusão, se manifesta em diferentes e diversos contextos, seja na educação, trabalho, políticas públicas e sociedade em geral. No contexto educacional, deve estar presente em ambiente de aprendizagem, atendendo às necessidades de todos os estudantes, permitindo que todos alcancem seu potencial desejado envolvendo: formações de professores, adaptações curriculares e a implementação da prática pedagógica que respeite diferentes tipos de características e culturas.

A inclusão é um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceites e respeitados naquilo que os diferencia dos outros. No contexto educacional, vem, também, defender o direito de todos os alunos desenvolverem e concretizarem as suas potencialidades, bem como de apropriarem as competências que lhes permitam exercer o seu direito de cidadania, através de uma educação de qualidade, que foi talhada tendo em conta as suas necessidades, interesses e características. (Freire, 2008, pág.05)

Além de estar presente na sociedade, ela é importante no mundo virtual, as mídias são usadas pela maior parte das pessoas nos tempos atuais, sendo assim existe muitos influenciadores com deficiência que usa as mídias para amplificar as possibilidades de exercício da inclusão, é onde muitos conseguem ter voz e representação. Podemos considerar que um dos grupos que acompanham e se engajam nas discussões desses perfis são professores. Ou seja, ao servir como fonte de informação para educadores e educadoras em formação, a relação entre inclusão e ciberativismo de PcD torna-se também um ponto de partida para ser aplicada a inclusão no ambiente escolar e para desmistificar estereótipos das deficiências.

Na atualidade é comum influenciadores deficientes, o espaço virtual acaba sendo um ambiente que muitas pessoas utilizam para ter mais voz e as pessoas com deficiência buscam esse meio para atrair um público alvo e conseguir seus direitos ou até mesmo repassar para muitos que ainda não tem conhecimento sobre a inclusão, porém muitos desses influenciadores acabam sendo vítimas de capacitismo, ou seja, sofrem discriminações de modo virtual, sendo atacados por comentário maldosos sendo de perfis falsos ou não.

O ciberespaço é um ambiente virtual onde ocorrem interações virtuais, no contexto da deficiência o ciberespaço pode oferecer acessibilidade, comunicação e até mesmo ajudar quando se trata da educação. No entanto, também existem desafios como, barreiras de acessibilidades, discriminação, dificuldades de navegação e uso, por parte dessas pessoas no que se refere a ambientes que sejam adaptados para suas necessidades de acesso.

Sousa e Siqueira (2017) apontam, com base em investigações da atuação das pessoas com deficiência no ciberespaço, que ainda é desafiador garantir a inclusão quando é notável não bastar garantir o acesso dessas pessoas a esse ambiente como uma forma de permitir o encontro de coletivos em rede. Para assegurar isso, as autoras destacam como esse ambiente se configura em “um território que invisibiliza inúmeras comunidades, quando não implementa legendas textuais para conteúdos imagéticos, ou quando a maioria dos seus desenvolvedores desconhece as normas internacionais de acessibilidade na *web*” (Sousa e Siqueira, 2017, p. 17).

O avanço desta possibilidade participativa e construindo seu próprio conteúdo é importante para que possamos nos distanciar de aspectos que relacionam esse público às questões patológicas ou que tendem a recorrer ao público da educação inclusiva apenas como aprendizes, estudantes e receptores do conhecimento, sem notarmos o modo como a construção de seus discursos no ciberespaço também pode constituir subsídios para a formação de profissionais que buscam atuar na educação.

Além disso, à medida que esse público avança na formação, na inclusão social e na ocupação de espaços de cidadania, as reivindicações e as pautas pelas quais eles lutam passam a se ampliar cada vez mais. Ou seja, se antes a marca de reivindicação maior era por acessibilidade, essa urgência começou a ganhar especificidades quando demarcam em quais modalidades essa acessibilidade deve passar a ser efetivada. São elas: nos meios de comunicação, em postos de trabalho, na universidade e, neste sentido, no modo como acessam lugares de construção do conhecimento através do interesse de pesquisas de docentes em formação e contribuem para a formação de outras pessoas. A respeito da formação e das informações que server como passos iniciais a essa construção autônoma de pesquisas, aprofundaremos na seção a seguir.

2.3 Formação e autoformação docente

A formação inicial dos professores é um aspecto crucial para garantir uma educação inclusiva de qualidade. Ao prepará-los adequadamente durante a faculdade, é fundamental que os futuros educadores recebam uma preparação que os capacite a lidar com a diversidade presente nas salas de aula, principalmente no contexto educacional em que estamos inseridos onde os discursos sobre inclusão se tornam cada vez mais recorrentes.

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN), promulgada em 1996, estabelece diretrizes fundamentais para a educação brasileira, enfatizando a importância de garantir a todos os alunos o seu pleno desenvolvimento. De acordo com LDBEN, a escola deve promover não apenas o aprendizado acadêmico, mas também o exercício da cidadania e a qualificação do trabalho.

A formação inicial em Pedagogia tem como objetivo oferecer ao professor a oportunidade de compreender o significado da escola inclusiva e o seu papel nesse processo com base em uma concepção inovadora de escola, ensino, aprendizagem, currículo e mesmo de aluno. Todos os outros conhecimentos advindos de situações inusitadas e específicas propostas pela inclusão educacional serão enfrentados no cotidiano escolar de forma criativa, coletiva e crítica, com a participação de todos os agentes envolvidos. (Poker; Valentim; Garla, 2017, p. 887).

A ausência de formação de professores para enfrentar os desafios da inclusão nas salas de aula é uma questão crítica e complexa que afeta diretamente a qualidade da educação oferecida a todos os alunos. Apesar dos avanços nas políticas educacionais e das diretrizes que promovem a inclusão, muitos educadores ainda se sentem inadequadamente preparados para lidar com a diversidade presente nas turmas.

Um dos principais fatores, que contribui o despreparo dos professores, é a falta de formação específica em educação inclusiva durante a formação inicial. Muitas faculdades de educação não oferecem disciplinas que abordem as necessidades e características de alunos com deficiência e dificuldades de aprendizagem, o resulta em profissionais que, ao ingressarem no mercado de trabalho, não possuem a competência necessária para lidar com essas realidades.

Em outra perspectiva, a formação continuada tem se tornado uma busca constante entre os educadores e educadoras, especialmente no contexto da inclusão escolar. Essa necessidade de aprimoramento se intensifica quando os professores enfrentam desafios relacionados à diversidade de seus alunos e alunas, particularmente aqueles e aquelas com deficiência. A complexidade das demandas em sala de aula, muitas vezes, deixa o coletivo docentes inseguro e sem clareza sobre como, efetivamente, incluir esses alunos e alunas nas atividades pedagógicas.

A Inclusão não requer apenas de habilidades específicas, mas sim um conjunto de competências profissionais que caracterizam a prática docente. É fundamental que os professores e professoras possuam um conhecimento aprofundado sobre as diferentes abordagens pedagógicas e estratégias que favoreçam a aprendizagem de todas as pessoas estudantes. Dessa forma, a formação continuada se revela essencialmente, pois capacita o educador e a educadora a explorar diversas metodologias e recursos didáticos que promovem a inclusão.

Com uma base sólida de conhecimentos, a docência pode desenvolver práticas mais eficazes e adaptadas às necessidades dos alunos e alunas, criando um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e participativo. A implementação de estratégias inclusivas não apenas beneficia os alunos com deficiência, mas enriquece a experiência educacional de toda turma, promovendo um espaço onde todos têm a oportunidade de aprender, investir na formação continuada é uma ação crucial para que os educadores possam enfrentar os desafios da inclusão com confiança e competência, contribuindo assim para uma educação mais justa e equitativa.

Considerar a importância de uma rede de apoio com profissionais especializados e estratégias pedagógicas adequadas, poderá viabilizar um melhor preparo para atuar na educação inclusiva. A falta de conhecimento adequado ou as limitações de recursos ao propor algumas atividades utilizadas para promover a inclusão poderá trazer, também, dificuldades e tornar o processo complexo na garantia de que todos os alunos e alunas tenham as mesmas oportunidades

de aprender e, assim, desenvolver de maneira plena. A continuidade prevista nos processos de autoformação é um dos aspectos que garantirá ao professor e à professora conseguirem lidar com os desafios de promover a inclusão.

Assim, identifica-se como necessário refletir o quanto os conhecimentos e informações adquiridas ao longo da disciplina de Introdução à Educação Inclusiva em diálogo com o acesso às redes sociais de pessoas com deficiência podem ampliar a aprendizagem nessa área. A partir disso, a proposta de pesquisa é pôr em interação os processos de formação do professor no âmbito da educação inclusiva de modo a perceber como esse conhecimento pode ser construído mediante a informação gerenciada pelas próprias pessoas com deficiência e utilizadas no espaço de formação.

A busca recorrente por informações nos perfis que esclareçam sobre a inclusão revela o quanto os estudantes de pedagogia necessitam ampliar e fazer formações em paralelo com a graduação. Posteriormente, após passarem a atuar na educação, o suporte com formações continuadas também serão pertinentes e podem ou não estarem associadas aos estudantes com deficiência que tenham nas salas em que atuam. O ciberativismo na formação dos professores e professoras é importante porque trata de uma temática pouco debatida e conhecida.

Diante disso, percebemos a importância dos assuntos no mundo virtual, pois é onde tem maior influência e, por vezes, reverbera na sala de aula. Então, os professores ter o conhecimento do tema abordado é de suma importância. Implementar a educação inclusiva na escola para que possa ser priorizado o desenvolvimento educacional com o objetivo de incluir a todos os estudantes, independente das particularidades individuais. Com isso, espera-se conseguir avançar para uma educação de qualidade, somada à possibilidade dos e das professoras terem uma formação continuada na qual estejam cientes da demanda da educação inclusiva.

Ao longo do curso de pedagogia, tenho vivenciado uma formação mais ampla, que vai além dos conteúdos em sala de aula. A convivência com as temáticas da inclusão escolar despertou para a necessidade de buscar conhecimentos que permitam compreender e contemplar as especificidades dos alunos com deficiência, esta busca tem sido fundamental para a formação docente, configurando-se como processo de autoformação. O professor e a professora que atua com inclusão precisa ser um sujeito reflexivo, capaz de adaptar sua prática pedagógica de acordo com as necessidades dos alunos. Agnes Harumi (2022) diz que a autoformação é um processo que se constrói durante a trajetória profissional. A autoformação é um processo contínuo na trajetória docente, amplia a compreensão sobre a inclusão e fortalece a prática pedagógica.

3. METODOLOGIA

A metodologia da presente pesquisa está fundamentada na interpretação de dados a serem coletados no espaço de formação de professores do curso de Pedagogia. Entretanto, para que seja possível focalizar a temática abordada, serão realizadas algumas escolhas estratégicas metodológicas que diminuam o quantitativo de pessoas envolvidas na participação. Dessa forma, a discussão e a análise dos dados também aconteceram de forma objetiva e busque atender à proposta inicial da investigação e os objetivos da pesquisa.

Como critério de seleção de espaço formativo, dentro do curso de Licenciatura em Pedagogia, delineou-se o contexto de formação em que os discentes tenham cursado a disciplina de Introdução à Educação Especial Inclusiva, uma vez que o interesse pela temática passa a ser recorrente quando esse componente passa a realizar as discussões do tema. A entrevista foi realizada presencialmente, em turma específica do terceiro semestre do curso de Pedagogia, tendo em vista que uma vez que os estudantes tenham seguido o curso de forma regular, nessa fase da formação, já terão cursado o referido componente.

Para os casos em que algum estudante não faça uso de nenhum dos recursos das redes sociais, ainda assim, serão consideradas as respostas que indiquem as opiniões dos entrevistados no que se refere à percepção da eventual importância e potencialidade do uso desse recurso ao longo da formação. Ao fazê-lo, considera-se que é possível que o sujeito possa opinar sobre a importância ou não dessas plataformas ainda que, eventualmente, não tenha feito uso delas ao longo da disciplina em questão.

Consideramos a entrevista como um dos recursos mais adequados para a presente pesquisa, sobretudo por estar situada em uma investigação que se relaciona com comunidades *online*, em consonância com alguns autores e autoras que fazem esse diálogo. Por exemplo, ao tratar das questões de como singularizar os modos de investigar comunidades *online*, Oliveira, Silva e Sales (2024) indicam a entrevista como “singularidades das intervenções de si e do outro” vendo-a como interessante para que os participantes elaborem relatos de si mesmos e atribuam significados às suas relações, as quais são permeadas por tecnologias digitais.

Tais percepções, foram observadas a partir de material discursivo documental coletado por meio de entrevista semiestruturada e terão como critérios principais ter concluído a disciplina de Introdução à Educação Especial Inclusiva e a realização de Seminário Temáticos ao longo do curso do referido componente.

A entrevista constitui-se como técnica de coleta de dados que permite o diálogo direto entre pesquisador e participante, sendo um papel fundamental como técnica de investigação nos estudos de campo, especialmente na área da educação, realizada por meio de entrevista é uma

das estratégias metodológicas utilizadas em pesquisa de abordagem qualitativa, considerando o lugar do sujeito na produção do conhecimento, permitindo ao pesquisador acessar diferentes realidades e práticas sociais, contribuindo assim para o conhecimento reflexivo

Na entrevista utilizada para a presente pesquisa constam perguntas objetivas e subjetivas. Dentre as perguntas subjetivas, o conceito de Ciberativismo foi investigado de modo a dar aos entrevistados meios de que percebessem do que trata esse termo. Assim, pretendeu-se evitar que estes fornecessem conceitos prontos ou previamente pesquisados para dar as respostas. Isto é, focamos em fazer com que as pessoas respondentes percebessem que o modo como as PcD se expressam e se manifestam nas redes sociais, podem ou não indicar seu engajamento com a pauta específica de militância e de busca por reunir opiniões de outras pessoas que sejam convergentes na construção de uma sociedade mais inclusiva.

A entrevista foi realizada de forma presencial com uma turma do curso de pedagogia, na própria instituição, especificamente realizada em uma sala de aula utilizada pelos discentes. Participaram da entrevista 24 estudantes, todos e todas do 3º período do curso no semestre 2025.1, a turma cumpriu a disciplina de Introdução à Educação Especial Inclusiva no segundo semestre do curso e, ao longo da disciplina desenvolveram atividades na modalidade de seminários temáticos, de modo que cada equipe ficou responsável por apresentar um tipo de deficiência.

Antes de iniciar foi realizado uma leitura a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assegurando aos discentes todas as informações coletadas seriam utilizadas afins acadêmicos preservando todas as respostas. Após esse momento inicial, foi explicado o intuito da entrevista e em seguida os alunos e alunas ficaram à vontade para responderem individualmente as perguntas.

As perguntas foram elaboradas a partir da disciplina Introdução à Educação Especial Inclusiva (Apêndice 1), considerando terem realizado seminários temáticos apresentados pelos próprios estudantes ao participarem da disciplina. A entrevista durou cerca de 1h30, período em que os estudantes puderam refletir, responder e aprofundar reflexivamente suas questões ao longo do curso da disciplina realizada.

As respostas das estudantes entrevistadas ³foram analisadas com base na Análise Textual Discursiva a partir das categorias pré-estabelecidas dentro dos objetivos, são elas: 1) potencialidades dos perfis para a formação de professores no que se refere à educação inclusiva. 2) Engajamento e expressão do ciberativismo das pessoas com deficiência e, por fim, 3)

³ A marcação de gênero feminino decorre da presença total de mulheres na turma.

incentivo à formação inicial e continuada de professores. Ressalta-se, porém, que além das categorias previamente indicadas, é possível que outras possam surgir a partir das respostas dadas pelos entrevistados. Para esses casos, serão realizados aprofundamentos analíticos em diálogo com a literatura especializada, ou seja, análise das categorias emergentes.

A ATD é uma abordagem qualitativa de análise de dados que procura traduzir e interpretar um fenômeno por meio da fragmentação e recomposição de discursos textuais, buscando encontrar microelementos que formam um todo discursivo com coesão que possibilite interpretações da realidade (Moraes; Galiuzzi, 2016; Sousa; Galiuzzi, 2017).

A seguir, apresentaremos as análises obtidas a partir da metodologia descrita. Para efeito de referência às perguntas do formulário, estamos indicando com P (Pergunta) seguida da numeração crescente da ordem em que foram realizadas. Ao final de todas elas, foi realizada uma pergunta adicional não numerada que estamos denominando como PLiv (Pergunta Livre). As perguntas que instigam apenas à resposta de “Sim” ou “Não” quais sejam: P1, P2, P6, P8, P9 e P10, não serão analisadas de acordo com unidades de registros de frases nas respostas, mas apenas como análise de contexto que alinham e constroem a percepção das respostas dadas estando estas, portanto, presentes na construção textual analítica que se segue ao quadro. As referidas questões, não serão identificadas no quadro de análise das unidades de registros, ficando este reservado apenas para as questões P3, P4, P5, P7, P8 e, sobretudo, PLiv que realiza a percepção geral da questão de pesquisa.

No que se refere às questões que permitiam a marcação de mais de uma alternativa, foram analisadas apenas as duas respostas mais recorrentes e as duas que menos foram selecionadas pelo público participante da pesquisa. Tal escolha metodológica, visa focalizar os extremos das temáticas mais ou menos procuradas quando do momento das pesquisas das estudantes, levando-se a entender sobre as motivações e desinteresses trazendo para o diálogo analítico as leituras e referenciais teóricos especializados.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Acesso e frequência de acesso

Durante toda a entrevista realizada, observou-se que a turma mostrou interesse em participar da pesquisa, envolvendo-se ativamente no processo das respostas. Os alunos e alunas revelaram disposição em compartilhar tudo o que compreenderam durante o processo de estudos e pesquisa dos seminários, bem como os aprendizados construídos ao longo da disciplina. A

seguir, serão apresentadas as análises das respostas dadas em diálogo com referencial teórico especializado.

A autoavaliação quanto à frequência de acesso, atuação e engajamento nas redes sociais, que buscou ser averiguado na pergunta 1 (P1) revelam média frequência no que se refere aos três aspectos: acessar, atuar e engajar. Ou seja, o coletivo de discentes em formação para atuarem na área da pedagogia percebem que o acesso pode ou não estar vinculado à necessidade de interagir e engajar-se de modo participativo e atuante, que é o modo como o ciberativismo expressa o engajamento. Nesse sentido, é expresso o acesso sem que, necessariamente haja participação efetiva na criação de conteúdo, comentários e discussões que se somem às postagens.

Entende-se por engajamento o modo como as pessoas se envolvem em atividades da cibercultura visando criar ampla criação, divulgação, compartilhamento de conteúdo fazendo com que, cada vez mais, o modo como o algoritmo opera faça com que aquela temática ou assunto seja elevado ao topo de buscas. Ao se colocarem entre o nível de Intenso e Mediano, os participantes da pesquisa demonstram a capacidade de regulação de suas ações no contexto da pesquisa. As duas perguntas iniciais são úteis para entender o modo como as perguntas adiante serão respondidas.

No que se refere a P2, é possível identificar a grande quantidade de respondentes que usam as redes sociais para buscar conhecimentos relacionados à área de conhecimento. Essa percepção demonstra como, para além de entretenimento, a ferramenta das redes funciona como espaço interativo de construção de saberes. O poder educativo das chamadas redes sociais já foi apontado, dentre várias pesquisadoras, por Okada, (2011); Santos, (2005); Weber, Santos e Santos (2011). Nesse sentido, coaduna com o que demonstra as respostas de P4⁴, ao tratar sobre a percepção das redes sociais como ferramenta de inclusão educacional para pessoas com deficiência, conforme expressa-se nas unidades de registro a seguir:

Quadro 1 – Redes Sociais como ferramenta de Inclusão

Pergunta	Categorias Analíticas	Unidade de Registro
(P4) Redes sociais como ferramenta de inclusão educacional para PcD.	Adaptação de Conteúdo	“Disseminação de conhecimentos a respeito de suas deficiências ou na interação dessas pessoas tanto com pessoas deficientes quanto com profissionais da área.”
	Planejamento	
	Construção de	“o conteúdo pode ser adaptado”

⁴ A pergunta 3 (P3) será analisada logo em seguida, para articularmos melhor compreensão das temáticas de cada pergunta com suas respectivas respostas.

	material Atividades	“Mais conhecimento sobre as deficiências e obter ideias de planejamento de aula realmente inclusivas com materiais adequados, dinâmicas brincadeiras e atividades” “Encontrar perfis com materiais para ajudar pessoas como por exemplo acessibilidade de conteúdo” “Planejamento, na dinâmicas e brincadeiras adaptadas, na construção das atividades e auxiliam no entendimento das deficiências” “Acesso aos conteúdos adaptados promovendo troca de experiências e criando comunidades de apoio” “Conteúdos acessíveis”
--	----------------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Ainda no que se refere à P4, nas respostas apresentadas podemos identificar fortes indicações da percepção da importância do ciberativismo ao apresentarem destaques para expressões que demonstram poder de e expressividade das pessoas com deficiência nas redes sociais. No que se refere aos meios de comunicação, delineamos as redes sociais contando com a presença de coletivos que fazem uso desse ciberespaço para disseminação de ideias e realização de atividades que visem divulgar os impasses e impactos relacionados a conviver na sociedade sendo pessoas com deficiência.

Para fazer uso da palavra, tomam discursos que os inscrevem como representantes da coletividade de que falam. Vizer (2007), indica expressões recorrentes em seus usos, tais como: “nós mulheres”, “nós que habitamos esta terra”, “nossas crianças” revelando, assim, que cada uma das falas traz representações amplificadas de lutas.

Nesse sentido, podemos entender que as páginas de rede sociais que são consultadas para aprimoramento do conhecimento de estudantes em plena formação, uma vez que expressem essas identificações de inscrição coletiva, pode ajudar na continuidade de expressões e de aprendizagem que também partam desses coletivos, dando-lhes legitimidade e espaço de consideração de suas ideias frente à formação docente e, portanto, efetivando a prática ciberativista.

Para melhor organização da pergunta 4 (P4), realizamos a divisão das unidades de registro que se relacionam ao ciberativismo em um quadro à parte ficando, assim, dois movimentos que se identificam: 1) Redes Sociais como ferramenta de Inclusão Educacional e 2) Ciberativismo como ferramenta de Inclusão Educacional, conforme quadro a seguir:

Quadro 2 – Redes Sociais como ferramenta de ciberativismo

Pergunta	Categorias Analíticas	Unidade de Registro
(P4) Redes sociais como ferramenta de inclusão educacional para PcD. Respostas que focaram o ciberativismo.	Comunicação Participação Autonomia Visibilidade	“Lá, todos, inclusivamente, pode se expressar, compartilhar e aprender.” “Visibilidade” (2 vezes) “Comunicação e interação” “Interação autonomia e participação” “A comunicação e a autonomia, ampliando a sociabilidade, troca de experiências” “Podemos ouvir os indivíduos sobre suas questões” “Informes, instruções, denúncias” “Interação, dar visibilidade e ampliar o acesso da informação e conhecimento para reivindicar a garantia de direitos” “Divulgarem palestras, livros e cursos voltados para essa temática” “Viralizar projetos e ajudar mais, tanto no visual, no financeiro, na assistência e poder trazer mais pessoas para as escolas e aulas <i>online</i>”

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Assim, podemos notar como a busca por informações relacionadas à área de formação, pode levar a pesquisa individual a se deparar com questões educacionais voltadas à militância e

à educação inclusiva. Tal percepção é assegurada nas pesquisas de Gomes e Santos (2012) que apontaram indicativos do ciberativismo de PcD de modo amplo, mais precisamente motivado pelos ciberativismo de pessoas Cegas e Surdas, quando das manifestações na internet sobre o fechamento do Instituto Benjamim Constant e do Colégio de Aplicação do Instituto de Educação de Surdos (INES), movimento que iniciou nas redes sociais e que deflagrou em uma passeata reivindicando por educação bilíngue para as pessoas Surdas.

Deste modo, podemos observar a direta conexão e importância do uso dessas redes diretamente implicadas com demandas da educação. Cabe destacar, ainda, algumas pesquisas que relatam sobre a formação docente quer sejam completamente mediadas por esse contato com as redes ou sociais ou que delas se utilizam, ainda que indiretamente, para fomentar processos de aprendizado que sejam autorregulados ou, para focarmos em termos da nossa área, processos de autoformação, entendendo-a como um contínuo de busca autônoma do sujeito em formação. A seguir, serão realizados apontamentos sobre as questões formativas.

4.2 Conteúdos relacionados à formação e redes sociais de PcD como ferramenta de inclusão educacional

As perguntas 3 e 5 (P3 e P5) encontram-se em diálogo do ponto de vista da percepção dos tipos de conteúdo que são buscados nas redes sociais e pessoas com deficiência. Entretanto, P3 expressa o conteúdo focado na formação em que os sujeitos respondentes da pesquisa estão inseridos, ou seja, o curso de Licenciatura em Pedagogia. Por sua vez, P5 está focada na busca dentro das caracterizações do conceito de ciberativismo que é expresso no início da pergunta e que, conforme, adiantamos na seção metodológica visa caracterizar o ativismo *online* de modo que os estudantes percebam que fazem uso desse recurso, ainda que não o definam previamente em seus termos como: Conscientização e promoção de uma causa, organização e mobilização Ação e Reação frente a atitudes capacitistas.

De acordo com a solicitação da questão 05, a qual tem por objetivo identificar os tipos de conteúdo acessados, os respondentes expressam a constante busca por situações nas quais as pessoas com deficiência explicam sobre a falta de acessibilidade. 13 pessoas identificaram essa busca, revelando a necessária compreensão sobre os impasses frente à acessibilidade e em quais tipos elas podem ser promovidas.

Analisando esta questão, percebe-se a dificuldades antes mesmo do início da atuação em sala de aula no que se refere às questões de acessibilidade. Ou seja, as pesquisas das estudantes buscam compreender como lidariam em uma sala de aula com crianças não verbais,

ou com algum outro tipo de deficiência, ou seja, acessibilidade linguística, essa falta constitui-se em um dos principais entraves para a efetivação da educação inclusiva e esse tipo de barreira acaba se tornando evidente. A ausência de uma proposta efetiva de acessibilidade revela a necessidade de políticas educacionais que assegurem recursos, profissionais especializados e formação docente voltada à inclusão.

Nesse ponto, destaca-se que a acessibilidade se encontra não apenas em aspectos físicos do espaço escolar, como é o caso de criação de rampas, banheiros adaptados e piso tátil. As barreiras existentes para que a inclusão seja efetivada passa pelas questões relacionadas à acessibilidade linguística como do caso de estudantes Surdos e Surdas, bem como para os casos de acessibilidade comunicativa para crianças que não são verbais, ou seja, necessitam de outros tipos de recursos imagéticos para se comunicarem.

Romper com certas barreiras de acessibilidade requer a disposição da comunidade escolar em manter atitudes que zelem pela acolhida e inclusão constante dos estudantes na escola, nas atividades extraescolares que sejam conduzidas ou direcionadas sob a responsabilidade da escola. Nesse sentido, alguns autores e autoras mencionam barreiras que excedem o sentido do espaço físico e passa a ser atitudinal (Ribeiro, Simões e Paiva, 2017).

Os autores destacam que as referidas barreiras são as mais difíceis de serem vencidas, tendo em vista a invisibilidade e como elas estão presentes ações cotidianas, o que faz com que elas, por vezes sejam reforçadas e fortalecidas justamente porque se encontram no projeto dominante das pessoas que conduzem os espaços educacionais sem considerarem os grupos de estudantes com deficiência.

Ao visitar perfis de pessoas que falam sobre a necessidade de espaços acessíveis, as estudantes demonstram a percepção ampla de como o curso de formação em que estão inseridas requer a busca pela promoção de espaços mais inclusivos, reformulação de currículos e, principalmente, do público de estudantes que se encontra presente nas escolas atualmente. Isto é, despertam para a busca de informação que alimentem os processos de construção de aprendizagem e, para que isso seja possível, recorrem a perfis de pessoas com deficiência que, ainda que tragam informações do senso comum, estas podem ser usadas como caminhos para a construção de novas aprendizagens, uma vez ampliadas para a busca de aprofundamentos sobre as questões que apresentam.

No que se refere a cursos e formações voltados para professores e professoras, na educação, essa foi a segunda opção mais identificada pelos participantes (11 pessoas) identificando o que já havíamos mencionado anteriormente sobre as dificuldades com a formação. Muitos docentes sentem-se perdidos no sentido de educação inclusiva, principalmente

quando não receberam uma formação inicial específica na área ou não quando não contam com apoio adequado, e assim, surgem dificuldades e barreiras no processo na efetivação da inclusão.

Diante dessas dificuldades, muitos professores acabam se aliando com as redes sociais como espaço de apoio, e são nessas plataformas e esses relatos que passam a servir como referência para a reflexão e para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, revelando o potencial das plataformas digitais como instrumento de formação complementar e troca de saberes no campo educacional.

Nesse sentido, a formação inicial e continuada dos docentes, frente ao processo de inclusão escolar, é variável e premissas decisivas para o sucesso e a efetivação das leis inclusivas de nossas instituições escolares, assim conhecê-las torna-se uma necessidade imperativa, na construção de uma educação mais justa e verdadeiramente inclusiva, no respeito à diversidade e diferença dos educandos. (Terra; Gomes, 2023, p.113)

No entanto, é preciso destacar que a formação, embora essencial não pode ser compreendida como solução isolada, é necessário a condição de trabalho como recursos didáticos acessíveis e apoio institucional sem um preparo adequado fica impossibilitado o processo inclusivo. Os estudantes durante a entrevista já demonstraram que para ter um preparo maior dentro de sala, a rede social acaba sendo um refúgio, pois ao contrário disso acaba chegando em sala com insegurança para lidar com aluno com alguma deficiência.

De igual modo, 11 pessoas também responderam sobre a percepção de denúncias contra preconceitos. Nesse ponto, destacamos a identificação da internet como espaço de militância e de denúncia. Assim, cumpre-se o que discutimos sobre o ciberativismo dessas pessoas no espaço das redes sociais. De acordo com Silveira (2010), o ciberativismo denota o uso das redes cibernéticas, principalmente a internet, sendo usada para a defesa de causas políticas, ambientais, tecnológicas e culturais, todas elas atravessadas pelas percepções de seus impactos na sociedade. Na definição dada, apesar de não mencionar aspectos relacionados à formação ou à educação, podemos inferir que as temáticas destacadas se encontram presentes no contexto de sala de aula e da formação cidadã, uma vez que são temas que visam a construção da sociedade. Vejamos, portanto, o quadro com essas respostas analisadas e as demais dadas, a seguir:

Quadro 3 – Ciberativismo e Formação de Professores/as

Perguntas	Tipos de conteúdo relacionados à formação	Tipos de conteúdo que se relacionam com o ciberativismo
P3 e P5	Autores/as e palestrantes sobre a área de educação (15)	Pessoas com deficiência explicando sobre suas limitações (10)
	Planejamento de outros/as	Pessoas com deficiência explicando

	estudantes de Pedagogia (13) Militantes da causa das pessoas com deficiência (1) Pessoas com superdotação e altas habilidades (2) Outros (4) Especificar: Psicólogos e transtornos na escola; TCC; Relação família, escola e tecnologias educacionais; Libras; Diversas pessoas com deficiência.	sobre falta de acessibilidade (13) Pessoas com deficiência explicando sobre inclusão escolar (09) Passeatas e datas comemorativas em alusão a algum grupo de pessoas com deficiência (3) Programações de associações de pessoas com deficiência (2) Discussões sobre legislação voltada às pessoas com deficiência (7) Cursos e formações voltados para a formação de professores/as com foco na Educação (11) Solicitação de ajuda/apoio financeiro para tratamentos (5) Manifestações de apoio a pessoas com deficiência (4) Denúncias contra preconceitos (11) Manifestações, Moções e notas de repúdio contra preconceitos (6) Debates sobre capacitismo e estereótipos de pessoas com deficiência (6) Outro: Às vezes assisto vídeos de pessoas com deficiência mostrando sua rotina
--	--	---

Na entrevista realizada com as estudantes também foi voltada a perguntas que seria referente a seminários cujo foram estudados e elaborados na disciplina de Introdução à Educação Especial Inclusiva (P6). Esses seminários ajudariam a se aprofundarem sobre essa temática de pessoas com deficiência, as perguntas elaboradas para a entrevista que fala sobre visitas a perfis para busca de informações que ajudaria e se essas informações contribuíram para a construção do momento do seminário e, conseqüentemente, para a formação de modo amplo.

As temáticas dos seminários foram expressas conforme o quadro a seguir:

Quadro 4 – Temas dos Seminários Temáticos

Tema do Seminário Temático	Tipo de Deficiência/Neurodivergência
Desenvolvimento da leitura e da ortografia em alunos com TEA: caminhos para uma alfabetização inclusiva.	Transtorno do Espectro Autista (TEA)
Plano de aula multissensorial com enfoque em pessoas com deficiência visual.	Deficiência Visual
Realização de um plano de aula voltado a pessoas com síndrome de down.	Trissomia 21
Diferença entre surdo e deficiência auditiva.	Surdez e Deficiência Auditiva
Transtorno de espectro autista (TEA).	Transtorno do Espectro Autista (TEA)
Deficiência visual	Deficiência visual
Superdotação e altas habilidades	Superdotação e altas habilidades
Deficiência Física	Deficiência Física
Surdocegueira	Surdocegueira

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Nas perguntas sobre ter passado a seguir PcD e a utilidade dos conhecimentos adquiridos (P9) e (P10), algumas relataram em suas respostas que, apesar de terem acessado esses perfis não passaram a segui-los ou interagir diretamente com as publicações. Por outro lado, em (P10) questionadas sobre as informações encontradas, todas as participantes afirmaram que o conteúdo neste espaço virtual se mostrou útil e significativo para a formação inicial. Sobretudo os relatos de experiências reais que, dificilmente, é aprofundada nos materiais acadêmicos, isso demonstra que plataformas digitais ajudam não apenas em sala de aula para lidar com crianças com deficiência, mas agrega no espaço acadêmico.

No cotidiano escolar, percebe-se as dificuldades para implementar a inclusão dentro de uma sala de aula e lidar com as demandas da educação inclusiva, principalmente quando se refere a exigência de adaptações de atividades pedagógicas tendo como a maior aliada às plataformas digitais, onde estudantes de pedagogia ainda na sua formação inicial já buscam referências de atividades mais inclusivas para ser trabalhadas dentro de um ambiente escolar. Essas barreiras forçam a sensação de insegurança e, muitas vezes, de isolamento dos docentes em sua prática.

Nesse contexto, durante a formação inicial os discentes de licenciatura demonstram buscas não apenas sobre o conhecimento teórico, mas também em estratégias práticas que possam ser aplicadas, assim como mostra nas respostas (PLiv), que será analisada a seguir, as estudantes durante a entrevista, muitas relatam que as redes sociais ajuda na formação, como por exemplos em buscas de se aprofundarem quando se trata de educação inclusiva, em depoimentos apresentando sensibilidade, ajudando a conhecer mais aprofundado sobre deficiências em que não conseguem lidar com uma criança dentro de sala ou até mesmo ajudar a conhecer e conseguir lidar. Em momento de acessibilidade não apenas em aspecto físico, mas acessibilidade linguística e de adaptação de conteúdos, ou seja, quando um professor planeja aulas em que tem que ser adaptadas para algum aluno que apresenta deficiência, a procura de atividades são as mais pesquisadas em uma plataforma digital.

A formação do professor constitui-se no elemento-chave capaz de viabilizar a Implementação de uma escola que se pauta na equidade, no trabalho colaborativo, na solidariedade, na interdisciplinaridade, na criatividade e no uso de recursos, estratégias e metodologias diversificadas (Poker; Valentim; Garla, 2017, p. 879).

Destaca-se que a formação docente é um elemento chave para a consolidação de uma escola baseada na equidade, no trabalho colaborativo e de estratégias diversificadas as exigências da educação inclusiva acabam ultrapassando os limites no ensino, demandando profissionais que estejam preparados para lidar com os estudantes e suas necessidades específicas. E ainda se refletem aos discentes em formação que muitas vezes, a formação inicial oferece uma base teórica, é colocando como exemplo falas de discentes em seu processo de formação na última pergunta da entrevista, enquanto buscam pela melhoria de ensino, percebendo que durante todo o processo de formação os estudantes passam muito pela parte teórica e que essas plataformas acaba sendo aliadas e vem desempenhando um papel cada vez mais significativo.

No que se refere à utilidade das informações encontradas na construção dos 7 temáticos (P10), 23 pessoas identificaram que, SIM, as informações encontradas foram importantes na construção do gênero Seminário dentro da disciplina. Essa percepção coaduna com o exposto por Sousa (2013) ao redigir sua pesquisa focalizando a identificação e o mapeamento modelos de uso das redes sociais por pessoas com deficiência visando indicar as ferramentas utilizadas para postagens, os tipos de conteúdo e interações realizadas e, por fim e que nos é interessante nesse momento da pesquisa, como essa comunicação tem impactos em outras instâncias sociais, ou seja, no âmbito da pesquisa para realização de atividades acadêmicas da disciplina de Educação Inclusiva.

A seguir, analisaremos a pergunta discursiva mais livre, ou seja, que os sujeitos respondentes focavam as contribuições das redes sociais em suas pesquisas e construção do conhecimento. A pergunta estava formulada do seguinte modo: PLiv: Descreva, brevemente, de que modo as redes sociais de pessoas com deficiência podem contribuir (ou não) com a sua formação em Pedagogia.

Quadro 5 – Pergunta para resposta livre/subjetiva

Categoria	Unidade de Registro	Síntese analítica
Contribuições (Potencialidade na formação)	“Podem contribuir me ajudando a entender melhor sobre as deficiências”	“Contribuir me ajudando a entender”
	“Como futura Educadora, as redes sociais me permitem ver com outros olhos as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência permitindo de maneira facilitada o acesso a estes depoimentos que nos apresenta sensibilidade ao ver as dificuldades do outro contribuindo assim como a formação muito mais humanizada e inclusiva.”	“Futura educadora” “Formação humanizada e inclusiva” “Depoimentos que nos apresentam sensibilidade”
	“A contribuição de seguir perfil de pessoas com deficiência se dá pelo fato de trazer o lugar de fala desses perfis podemos nos trazer enquanto estudantes de pedagogia entender a importância de a equidade ainda pensar no alcance que essas pessoas levam suas falas pelo meio das redes.”	“Estudantes de Pedagogia” “importância da equidade” “trazer o lugar de fala desses perfis” “essas pessoas levam suas falas”
	“Para se trabalhar com as deficiências tem que entendê-las e para essas redes	“Trabalhar com as deficiências”

	sociais se torna um aliado forte pois contei pessoas com deficiências que falam sobre e acolhem a melhor forma de trabalhar determinado assunto.”	“Redes sociais como aliadas fortes” “Pessoas com deficiência falam sobre e acolhem a melhor forma de trabalhar”
	“Contribuir para minha formação a partir do momento que se tem um público com deficiência na internet que fala sobre suas limitações e ou profissional possa a partir daquele momento saber ou ter uma compreensão de como pode adaptar sua aula e incluir o aluno junto com todos”	“Contribuir com a minha formação” “Um público com deficiência na internet que fala sobre suas limitações” “Saber ou ter compreensão de como pode adaptar sua aula e incluir o aluno”
	“As redes sociais podem perpetuar muitas coisas uma delas é o conhecimento seguir ou visitar pessoas com deficiências e transtornos me ajudou a entender mais sobre suas dificuldades capacidades limitações e individualidades”	As redes sociais podem perpetuar muitas <i>coisas</i> (sic) uma delas é o conhecimento Formação/Informação-Aprendizagem - seguir ou visitar pessoas com deficiências e transtornos me ajudou a entender mais sobre suas dificuldades capacidades limitações e individualidades
	“Ver relatos experiências e vivências de pessoas com deficiência nos faz ver Desafios que em sala de aula não percebemos ver a própria relatando podemos montar estratégias para quebrar os desafios e preconceitos além de ficar atento em cada atualização em relação à deficiência”	Categoria (Potencialidade na formação) montar estratégias para quebrar os desafios e preconceitos Formação/Informação-Aprendizagem - Ver relatos experiências e vivências de pessoas com deficiência nos faz ver Desafios que em sala de aula não percebemos

Ciberativismo	“Acredito que qualquer pessoa que tenha lugar de fala, estudo e algum tipo de especialização na questão voltada para deficiência pode contribuir para que a informação seja divulgada. Os relatos de experiência também ajudam bastante.”	“Pessoa que tenha lugar de fala”
	“No geral alguns perfis informam leis voltadas para as deficiências e informa questões de acessibilidade então de modo geral entendo que é o uso de redes sociais voltadas para as deficiências contribuem bastante para a formação a arte participação em concurso.”	“leis voltadas para as deficiências e informa questões de acessibilidade”
	“As redes sociais de pessoas com deficiência podem contribuir para a formação e Pedagogia ao compartilhar as vivências de cada pessoas e estratégia inclusivas na educação.”	“Ao compartilhar as vivências de cada pessoa e estratégia inclusivas na educação”
	“Por meio dos perfis de pessoas com deficiência podemos ter uma percepção de que as mesmas enfrentam e lutam para garantir seus direitos e principalmente pessoas com deficiência na área da Educação assim podemos ver como ocorre essa participação das que divulgam conteúdos relacionados à educação inclusiva”	“Por meio dos perfis de pessoas com deficiência podemos ter uma percepção de que as mesmas enfrentam e lutam para garantir seus direitos”

	“As redes sociais de pessoas com deficiência permitem a interação e acesso à informação de importância como os desafios enfrentados por pessoas com deficiência, acessibilidade, rede de apoio e o desenvolvimento de prática pedagógica.”	“desafios enfrentados por pessoas com deficiência”
--	---	---

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

O Ciberativismo e a formação docente representam uma construção de um ensino mais inclusivo e consciente das questões sociais, oferecendo aos futuros educadores e educadoras uma nova perspectiva sobre como abordar temas relevantes em sala de aula. Assim, coadunamos com a ideia de que “explorar os recursos de mídia presentes em uma era dominada por ferramentas digitais é quase sempre adentrar ambientes de estímulos verbais e não verbais, linguagens multimodais e mobilizações de conhecimentos diversos” (Marques, 2018, p. 4) e que, por ser marcada pela presença constante das tecnologias digitais, a formação docente precisa considerar o papel estratégico do ciberativismo como ferramenta pedagógica e política.

Nesse contexto, o ciberativismo emerge como uma prática educativa capaz de promover o engajamento crítico dos futuros professores e professoras, ao integrar na formação docente, amplia-se, portanto, a capacidade de análise e intervenção desses profissionais, preparando esse público para atuar, também, de forma ética, crítica e colaborativa em ambientes digitais, nas interações que forem possíveis frente às temáticas que lhes toquem, seja em comentários *online*, em *lives*, eventos virtuais, *podcasts* ou outros gêneros emergentes do discurso nas redes.

Assim, as respostas apresentadas no quadro apontam tanto para a questão formativa quanto para o reconhecimento da atuação dessas pessoas nas redes sociais de modo a mediar, fundamentarem e serem sujeitos importantes na construção do conhecimento das turmas estudantes de pedagogia quando da realização de seminários temáticos sobre deficiência e educação especial inclusiva. Isto é, à medida que se informam, constroem seus conhecimentos embasados na própria voz de PcD validando os princípios do ciberativismo no que se refere a Conscientização e promoção de uma causa; Organização e Mobilização; Ação e Reação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou compreender de que forma o professor em sua formação inicial pode se beneficiar do uso das redes sociais como um espaço de aprendizagem e de construção de conhecimento para a educação inclusiva. Por meio de entrevistas realizadas com estudantes que estão no processo de futuros professores buscou-se analisar suas percepções acerca do potencial pedagógico das redes sociais e de considerar esse ambiente digital como recurso formativo no contexto escolar, como foco na participação ativa de PcDs nas redes sociais.

A partir das análises, foi possível afirmar que as redes sociais se configuram como um espaço de aprendizagem capaz de ampliar horizontes e desconstruir estigmas, constatou-se também que esses docentes em sua formação buscam estratégias efetivas para integrar com tais recursos ao processo educativo proporcionada pelos ambientes digitais que pode funcionar entre a teoria e prática, reconhecendo tanto as potencialidades de construção do conhecimento quanto às possibilidades do uso pedagógicos nesse meio digital, refletindo sobre a construção de material didático a partir do que sugerem as próprias pessoas com deficiência.

Nota-se, ainda, as redes sociais não é uma necessidade extrema, mas sim um apoio para buscar informações que alguns materiais acadêmicos não aprofundam, acabou se tornando um conhecimento a mais entre profissionais, pois pode se encontrar matérias de apoio, atividades adaptadas, conhecimento sobre as deficiências, ajuda a entender e a lidar com tipos variados de deficiência, a trabalhar a inclusão e a envolver PcD na consideração de melhores estratégias pedagógicas.

As redes digitais, ao funcionarem como espaço de ciberativismo, torna-se não apenas um meio de informação, mas também ferramenta de formação, capazes de contribuir significativamente para o desenvolvimento de competências pedagógicas voltadas à educação inclusiva, a aproximação desses futuros professores e os conteúdos disseminados nas redes sociais por pessoas com deficiência fortalecem a construção de uma prática pedagógica mais sensível e engajada.

Retomando o objetivo proposto, identificar como o professor na sua formação utiliza o uso das plataformas digitais para a construção de conhecimento no que se refere ao âmbito da educação inclusiva, notamos que as estudantes que estão na sua formação inicial desfruta de redes sociais buscando conhecimento e quebrando barreiras de dificuldades, visitando perfis de pessoas com deficiência e contribuindo, assim, para o desenvolvimento nas práticas pedagógicas.

Algumas dificuldades na pesquisa foram identificadas como: distanciamento entre o período em que a disciplina foi ministrada e o andamento da pesquisa em dissonância com o tempo do calendário acadêmico com alguns recessos entre finalizações e reinícios de novos semestres, o que dificultou o cronograma de algumas ações da pesquisa previstas ao longo do desenvolvimento.

Somado a isso, a quantidade de informações resgatadas pelas estudantes pode ter sido reduzida no que se refere às pesquisas que realizam no momento que cursaram a disciplina, no entanto, o que se evidencia nas informações fornecidas é um caminho para a percepção de como essas informações podem ser rememoradas e revisitadas demonstrando que elas passaram a fazer parte do repertório de aprendizagem ao longo da formação.

Para que possamos ampliar novos horizontes de pesquisas, é importante que possamos aprofundar mais nas pesquisas dentro dos próprios perfis (as denominadas pesquisas netnográficas), focar em perfis que tragam conteúdo pedagógicos e explorar essas questões de modo dialogado com outras disciplinas do curso tais como: tecnologias da educação, leitura e produção textual, letramentos e outras que se somem às questões de educação inclusiva. Dessa forma, poderemos pensar em uma formação em Pedagogia que dialogue com as práticas cotidianas de acesso e de pesquisa das estudantes em redes sociais em todo o ciberespaço, levando em consideração, sempre que possível, a voz e a vez das pessoas que são o público-alvo da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALVERNAZ, Aline; SANTOS, Edméa. O ciberativismo PCD e a formação de professores de Educação Física para a inclusão. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS, 11., 2022, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: GPDOC-UFRJ/PPGEDUC, 2022.

FERREIRA, Jairo. VIZER, Eduardo (Orgs.) *Mídia e Movimentos Sociais: linguagens e coletivos em ação*. São Paulo: Paulus, 2007, 232.

FREIRE, Sofia. Um olhar sobre a inclusão. *Revista da Educação*, Instituto Superior D. Afonso III, v. XVI, n. 1, p. 5–20, 2008.

GOMES, Raquel Colacique; SANTOS, Edméa. Ciberativismo Surdo: em defesa da educação bilíngue. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 30, p. 24., 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24275>. Acesso em: 22 jul. 2025.

LEITE, Teresa S. Formação de Professores para a Inclusão. Conferência apresentada no *Congresso Internacional Escola Inclusiva – Educar e formar para a vida independente*, CERCICA, Cascais, 3 dez. 2016.

SOUSA, Joana Belarmino. Mídias Digitais: Acessibilidade na Web e os Desafios para a Inclusão Informacional (In) Mídias & Interatividade. Pedro Nunes Filho 6 (Org), Editora da UFPb, 2009, p. 275-284.

POKER, Rosimar Bortolini; VALENTIM, Fernanda Oscar Dourado; GARLA, Isadora Almeida. Inclusão escolar e formação inicial de professores: a percepção de alunos egressos de um curso de Pedagogia. *Revista Eletrônica de Educação*, Marília, v. 11, n. 3, p. 876-889, set./dez. 2017.

RIBEIRO, Ernani Nunes; SIMÕES, José Luiz; PAIVA, Fábio da Silva. Inclusão escolar e barreiras atitudinais: um diálogo sob a perspectiva da sociologia de Pierre Bourdieu. *Olhares. Revista do Departamento de Educação da Unifesp*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 210.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 86, p. 28–39, 2010. [DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i86p28-39](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i86p28-39). Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/13811>. Acesso em: 22 jul. 2025.

TERRA, Ricardo Nogueira; GOMES, Claudia Gomes. Inclusão escolar: carências e desafios da formação e atuação profissional. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, n. 45, p. 109-124, jan./abr. 2013.

ANEXOS 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **Inclusão e ciberativismo: potencialidades da (in)formação docente mediada por perfis de redes sociais de pessoas com deficiência**, da pesquisadora **Nayara Joice Alves Dino**. Abaixo estão relacionadas as principais informações da pesquisa.

1. A pesquisa se destina a:

Identificar a utilização do uso de perfis de pessoas com deficiências durante a disciplina de Introdução à Educação Especial Inclusiva;

Analisar a atuação desses perfis no âmbito do ciberativismo de pessoas com deficiência;

Incentivar a formação inicial de professores a partir das experiências e da atuação de pessoas com deficiência no ciberespaço sobre a inclusão.

2. A coleta de dados será realizada no semestre acadêmico de 2025.1;

3. A sua participação será nas seguintes etapas: resposta a entrevista semi-estruturada.

4. Os incômodos e possíveis riscos à sua saúde física e/ou mental são expor informações sensíveis às suas atividades laborais, tomar seu tempo enquanto profissional durante suas aulas ou estudos acadêmicos e divulgação de dados confidenciais. Entretanto, no sentido de evitar os riscos e, em caso de sua ocorrência, buscaremos saná-los com as seguintes ações: objetividade durante as perguntas e coleta de dados, assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades; garantir a divulgação pública dos resultados; Descarte de informações confidenciais que vierem a ser divulgadas. A pesquisadora, juntamente com o orientador serão os únicos a terem acesso aos dados e tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas e mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome ou qualquer informação relacionada à sua privacidade. Em caso de quebra de sigilo, os dados serão descartados.

5. Você será informado (a) do resultado final da pesquisa e, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;

6. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, que poderá retirar seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo;

7. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto para a equipe de pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto após a sua autorização;

8. O estudo não acarretará nenhuma despesa para você;

9. Você receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos.

Eu _____, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da responsável pela pesquisa):

Instituição: Universidade Federal do Cariri. Endereço do responsável pela pesquisa: Rua: José Laurentino Sobrinho, nº 150. Bairro: Pedro Nicodemos Cidade: Brejo Santo – CE. Telefone (83) 9 9843-4689.

Assinatura d(o,a) voluntári(o,a)

Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICE

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1) Como você julga seu acesso, atuação e engajamento nas redes sociais?

☐ Não uso ☐ Baixo ☐ Mediano ☐ Intenso

Outro (Descrever):

2) Segue/Visita perfis que eventualmente possam contribuir para sua atuação profissional?

☐ SIM ☐ NÃO

3) Em caso de resposta afirmativa, marque os tipos de conteúdos relacionados à sua formação profissional que costuma seguir/visitar nas redes sociais (Pode marcar mais de um)

☐ Planejamento

☐ Dinâmicas Brincadeiras

☐ Construção de material

☐ Pessoas com deficiência

☐ Militantes da causa das pessoas com deficiência]

☐ Autistas

☐ Pessoas com superdotação e/ou altas habilidades

☐ Pessoas com TDAH

☐ Libras e pessoas Surdas ☐ Construção de atividades

☐ Perfis de outros/as pedagogos/as

☐ Planejamento outros/as estudantes de pedagogia

☐ Autores/as e Palestrantes sobre a área de Educação

Outros: (pode citar livremente outros tipos de conteúdos que pesquisas em redes sociais para fins de pesquisa que se relacione com sua formação em pedagogia)

4) As redes sociais podem atuar como ferramenta de **inclusão educacional** para pessoas com deficiência? Se sim, de qual maneira?

5) A partir das características de ativismo *online* (Ciberativismo) apresentadas a seguir, mencione quais tipos de buscas você mais realiza nas redes sociais:

Características de ativismo online (Ciberativismo)

- Conscientização e promoção de uma causa
- Organização e mobilização
- Ação e reação

- () Pessoas com deficiência explicando sobre suas limitações;
- () Pessoas com deficiência explicando sobre falta de acessibilidade;
- () Pessoas com deficiência explicando sobre inclusão escolar;
- () Passeatas e datas comemorativas em alusão a algum grupo de pessoas com deficiência;
- () Programações de associações de pessoas com deficiência;
- () Discussões sobre legislação voltada às pessoas com deficiência;
- () Cursos e formações voltados para a formação de professores/as com foco na Educação
- () Solicitação de ajuda/apoio financeiro para tratamentos
- () Manifestações de apoio a pessoas com deficiência;
- () Denúncias contra preconceitos;
- () Manifestações, Moções e notas de repúdio contra preconceitos;
- () Debates sobre capacitismo e estereótipos de pessoas com deficiência;

Outro:

6) Na disciplina de **Introdução à Educação Especial Inclusiva** que você cursou no curso de Pedagogia, você fez uso de alguma rede social de pessoas com deficiência para a construção de seu Seminário Temático?

() SIM () NÃO

7) Qual foi o tema do seu Seminário na Disciplina de Educação Inclusiva?

8) Você identificou se a partir das pesquisas realizadas sobre seu tema, suas redes sociais passaram a ter mais oferta de divulgação de páginas sobre pessoas com deficiência?

() SIM () NÃO

9) Você passou a curtir/seguir pessoas/páginas/perfis de pessoas com deficiência a partir da realização dos seminários temáticos da disciplina?

10) As informações encontradas nas páginas/perfis de pessoas com deficiência são úteis para sua formação?

() SIM () NÃO

PERGUNTA DESCRITIVA LIVRE: Descreva, brevemente, de que modo as redes sociais de pessoas com deficiência podem contribuir (ou não) com a sua formação em Pedagogia.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso, tipificado como Monografia, escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

Brejo Santo, 21 de maio de 2026



Documento assinado digitalmente

FRANCISCO RAULE DE SOUSA

Data: 21/05/2026 21:14:09-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>